

E A “VIDA REAL”, Dona Lourdes?

**Valéria Andrade
Diógenes Maciel**
Especial para o *Correio das Artes*

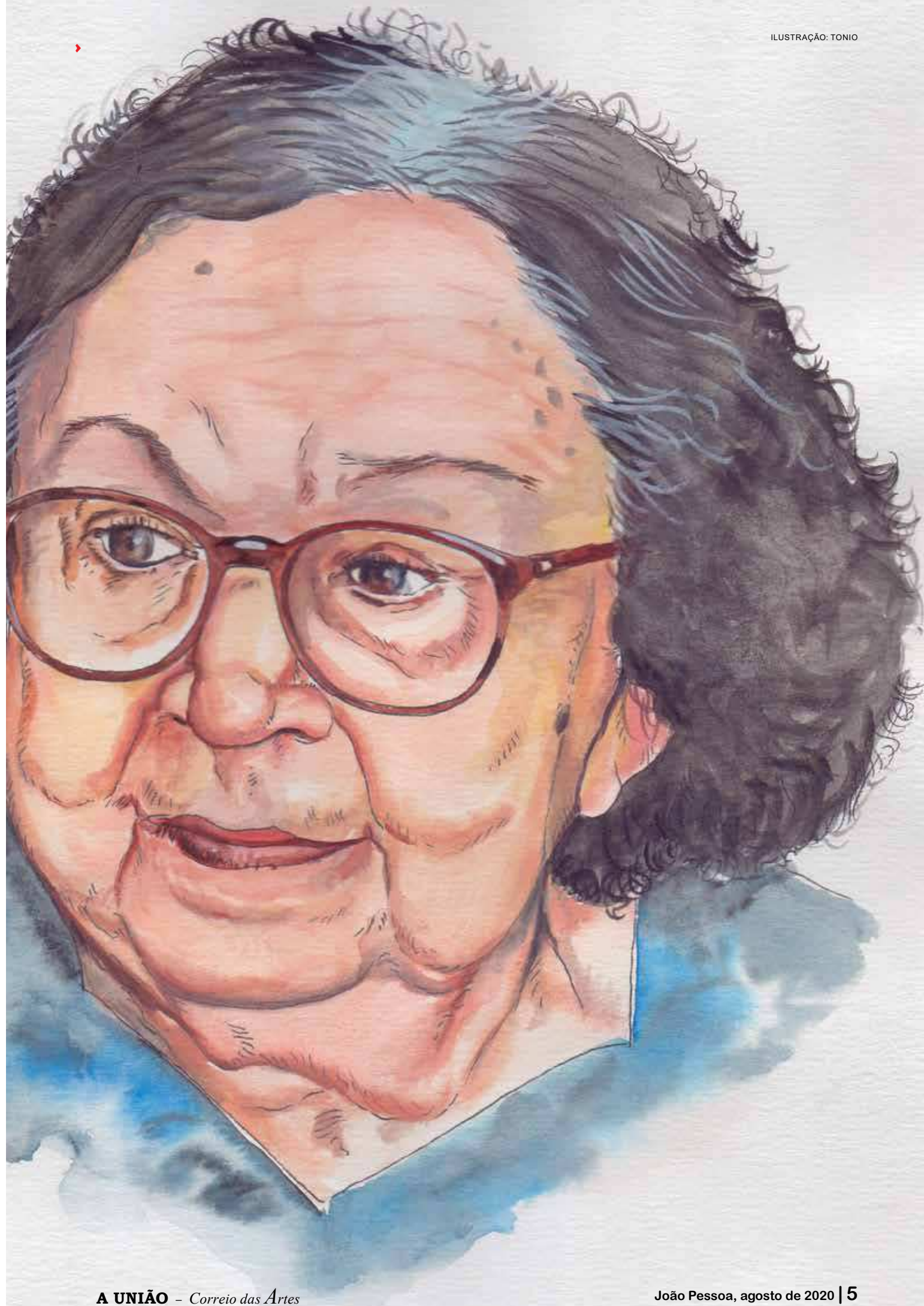
**Por muitos anos,
Lourdes Ramalho
alterou o ano do
seu aniversário: ora
dizia que nascera
em 1926, ora em
1923. As razões são
desconhecidas, mas
o fato é que no dia 23
de agosto de 2020, ela
chegaria aos 100 anos**

Maria de Lourdes Nunes Ramalho ou simplesmente Dona Lourdes como todo mundo a conhecia, nasceu a 23 de Agosto, em Ouro Branco (naquela época, um distrito pertencente ao município de Jardim do Seridó), no Rio Grande do Norte. Filha de José Nunes de Figueiredo e Ana Medeiros Brito (depois, Ana Brito de Figueiredo), foi a primogênita de uma família composta por outros 11 filhos do casal. Durante muitos anos, houve muitas dúvidas sobre a data precisa de seu nascimento – ora ela dizia 1926, depois 1923 –, só muito tempo depois, descobrimos o ano preciso: ela nascera em 1920. Sabem-se lá as razões para esta confusão, notadamente para uma mulher que nunca foi apegada a certos melindres... a questão é que em 2020, se estivesse viva, ela faria 100 anos – isso mesmo! Falecida em 7 de setembro do ano passado, aos 99 anos bem completos, antes de ser dramaturga, foi professora, mãe e poetisa.

A professora Lourdes Ramalho iniciou sua carreira docente, ainda muito menina, em Santa Luzia (PB), para onde a família se deslocara, como professora auxiliar em educandário de sua mãe. No mesmo período, atuou em grupos cênicos, em companhia da mãe e dos tios, que se apresentavam no Cine Paroquial da cidade. Eram espetáculos, conforme já registrou Carmélio Reynaldo, neste mesmo *Correio das Artes* (em 1977), compostos por “números de variedades e que tinham, no final, uma peça curta que recebia a denominação de Drama, mesmo que fosse uma comédia, geralmente escrita por uma das duas [Lourdes ou sua mãe], baseados às vezes em histórias de Trancoso, em obras literárias ou em fatos reais...”

Após o casamento com o juiz Luiz Silvio Ramalho, em 1943, abandonou a função de atriz, fixando residência, em 1957, em Campina Grande







Lourdes Ramalho nasceu em Ouro Branco (RN), mas foi em Santa Luzia (PB) onde iniciou a carreira de professora, ainda muito jovem e antes de se mudar para Campina Grande, onde ficaria até o fim da vida

► (PB), a esta altura já mãe de cinco filhos – Silvia, Zeca, Junior, George e Sergio. Ao chegar à Serra da Borborema, se depara com um agitado ambiente cultural, o que culmina na inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral, em 1963. Foi este, anos depois, o espaço privilegiado onde as peças de Lourdes Ramalho foram representadas, conferindo-lhe a notoriedade como *dramaturga*.

Mas, antes disso, a professora continuava suas ações didáticas e artísticas, fomentando o trabalho do seu alunado nos palcos, seja no Colégio das Damas, seja na Escola Normal, como ela mesma afirmou em entrevista a Ronaldo Dinoá (*Diário da Borborema*, 05 de set. 1982): “Nesse tempo, o diretor da Escola Normal era Fernando Silveira, que me dava muito a mão, me dava todo o direito para fazer o que quisesse, no que diz respeito ao Teatro. Quando tive de ir ao Rio de Janeiro por motivo familiar, Fernando Silveira me abriu as portas, lá me recomendando para que eu fizesse curso de técnica vocal etc. Quando eu voltei, ele instituiu esse curso dentro da Escola Normal...”. Durante a estada no Rio de Janeiro, Lourdes Ramalho não só assiste aulas como também toma contato com a Sociedade



FOTO: REPRODUÇÃO

Texto do jornalista Carmelo Reynaldo sobre 'Os Mal-Amados' e outras peças de Lourdes Ramalho, publicado no Correio das Artes de 15 de Maio de 1977

Brasileira de Educação através da Arte (Sobreart) e, ao retornar à Paraíba, abre uma seção que promoverá muitas atividades relevantes. São desse momento peças como *Na Lua é Assim* e *O Príncipe Valente*, que participam de festivais estudantis.

Mas, a virada definitiva em sua trajetória se dá quando ela assume, em 1973, a presidência da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira (Facma), antes conduzida pela professora Eliza-

beth Marinheiro. É curioso como, sobre esta fase, ela sublinha a sua produção como ainda circunscrita ao que chama de “teatro didático”, ou seja, uma fatura muito marcada pelo contexto escolar e pela adequação do teatro aos fins pedagógicos.

Naquele mesmo ano, Lourdes lançou seu primeiro livro de poemas, *Flor de Cactus* (editado pela Universidade Regional do Nordeste) – sistematizando uma atividade esparsa, que aparecia em periódicos e suplementos literários do município. Gradativamente, ela deixa de ser referida como a “professora” para tornar-se a “poetisa”, agora posta ao lado de outros poetas, seus contemporâneos, como Sergio de Castro Pinto e Rubem Navarro, além dos jovens poetas que começavam a despontar, como Marcos Agra, Bráulio Tavares, entre outros.

Em Outubro do mesmo ano, ela apresenta aos órgãos de censura oficial, em nome da Facma, o texto do show *Povo, Povinho, Povareú*, escrito em coautoria com Wilson Maux, Marcos Agra e Bráulio Tavares – outros nomes que despontavam naquele contexto. A liberação da montagem foi negada, “por contrariar a legislação em vigor”.

No ano seguinte, escreve *Fogo-Fátuo*, que será levada à cena pelo Grupo Cênico Manuel Bandeira, da Facma, sob direção de Rui Eloy, e apresentada como convidado *hors-concours* no I Festival Nacional de Teatro – FENAT, realizado em Campina Grande, por iniciativa de Eneida Agra Maracajá. Nesta oportunidade conhece Paschoal Carlos Magno, com quem desenvolverá forte relação de amizade, de trocas culturais e intelectuais, fazendo emergir sua consciência autoral, que aflora na preocupação com a sistematização e publicação de seus textos durante os anos seguintes. Esta peça, certamente, é a mais montada e a mais impactante para o cenário cultural campinense, como também para a relação dos elencos e grupos de teatro da cidade com a obra ramalhiana.

Todavia, a sua peça mais conhecida fora deste limites é a que ►

▶ estreia em 1975, também com o Grupo Cênico Manuel Bandeira, agora sob direção de Rubens Teixeira – a antológica *As Velhas*, “retrato ao vivo” de uma parte do Brasil situada num tempo e num espaço específicos: o Nordeste das frentes de emergência criadas pelo governo federal para assistir os produtores rurais atingidos pela seca de 1970.

O texto cruza os destinos de duas matriarcas – uma sertaneja e uma cigana –, apanhadas pelo fim trágico para o qual elas próprias, com suas respectivas escolhas, acabam empurrando seus filhos. Não por acaso, mesmo depois de consagrado em 1975, após a multipremiação no festival de Ponta Grossa (PR), *As Velhas* alcança novo sucesso em 1988, levado ao palco pelo espanhol Moncho Rodriguez – montagem que circula o Brasil e muitas cidades portuguesas.

Enfatizando o caráter passionnal da trama, o encenador revelou a ‘universalidade’ do texto, pontuando, para isso, certas ressonâncias culturais ibéricas presentes no Nordeste brasileiro. Este momento funda um percurso rumo à representação deste contexto espaciotemporal atrelada a uma perspectiva popular, dispondo-se a dramaturga a representar o “povo”, à beira do abismo para o qual parece ser empurrado pela ruína das relações rurais de produção e da ascensão da modernização, que impõe uma nova feição do capitalismo tanto ao campo, como à cidade, tema sempre recorrente na literatura canônica do Nordeste.

Assim, sua obra formaliza esta *região* como um conjunto de fragmentos que se articulam para formar um painel, expresso na totalidade de seus textos, unindo a perspectiva regionalista ao diálogo produtivo com as formas dramáticas da tradição, passando pelas convenções da comédia popular e chegando às raias da tragédia para reconstruir, artisticamente, um espaço em que relações sociais sofrem mutações rápidas, com ênfase especial para as dinâmicas de gênero nos grupos familiares. Neste período, o palco campinense transborda



‘Flor de Cactus’, primeiro livro de poemas, saiu em 1973, mesmo ano em que Lourdes assumiu a Facma

Lourdes Ramalho e, obviamente, não se pode negar, também, o empreendimento assumido por Hermano José Bezerra, aquele que mais textos ramalhianos levou à ribalta.

Além dos textos já citados, não podemos deixar de mencionar *A Feira* (1976), *Os Mal-amados* (1988), *Além do Arco-íris* e *A Eleição* (1978), *Uma Mulher Dama* (1979), *O Psicanalista* (1980), *Guiomar Sem*

Rir Sem chorar (1981), *Fiel Espelho Meu* (1982), *A Mulher da Viração*, *Frei Molambo Ora Pro Nobis* e *O Censor Federal* (1983) e, por fim, *Festa do Rosário* (1985). Essas peças, todas estreadas em Campina Grande pelo Grupo Cênico Paschoal Carlos Magno e pelo Grupo Feira, marcam, definitivamente, a relação de Campina Grande com o repertório ramalhiano e elucidam, para além da dicção marcadamente regionalista e da verve ácida em face dos desmandos políticos, a eclosão de seus perfis femininos.

Ou seja, Lourdes Ramalho, além de inventariar a cultura nordestina, desenvolve em sua dramaturgia um projeto: não por acaso, as figuras femininas da sua dramaturgia são de uma diversidade espantosa – fato que indica a afinidade da autora com compreensões de ‘gênero’ mais amplas e menos essencialistas e, de outro lado, sua percepção do quanto estão imbricadas entre si questões de gênero e questões regionais.

Nos anos de 1990, a dramaturga privilegiou em sua obra uma rediscussão da cultura nordestina, tendo agora, como duplo especular, a tradição ibérica (me-

Dona Lourdes e Paschoal Carlos Magno, com o Grupo Campinense de Cultura: amizade entre os dois fez emergir a consciência autoral da dramaturga, que aflorou na preocupação com a sistematização e publicação de seus textos





Lourdes Ramalho (D) repassa o texto com o Grupo Cênico Manuel Bandeira, da Facma, em Campina Grande

▶ diante seu forte acento judaico sefardita) e seus cruzamentos com a cultura popular, conforme a encontramos plasmada nos folhetos (daí termos cunhado, para designar as formas dramáticas resultantes desse processo, o termo dramaturgia em cordel, mediante suas amplas conexões com a tradição ibérica e, ao mesmo tempo, com a tradição do folheto, enquanto suporte ou visada estética).

São desse momento, por exemplo, *Romance do Conquistador* (1991) – cujo espetáculo, encenado por Moncho Rodriguez, foi levado à Península Ibérica, escolhido para representar o Brasil nas comemorações oficiais do governo espanhol pelos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América –, depois *O Trovador Encantado* que, em 2000, pelas mãos do mesmo encenador, numa produção luso-brasileira, envolvendo a Câmara Municipal de Guimarães, o Governo do Estado da Paraíba, a Prefeitura de Campina Grande e um elenco formado por intérpretes brasileiros e portugueses.

Neste momento, a pesquisa estética da dramaturga, portanto, se voltou para o desvendamento e a ressignificação das raízes étnico-culturais deste *lócus*: cadinho onde se misturam a cultura ibérica do século 16, em seus fortes matizes judaicos, agora assumidos pela dramaturga como identidade a ser difundida, defendida e compreendida por si

e pelo seu público-destino. Tanto o é que, em 2003, com o texto *Guiomar Filha da Mãe...*, Lourdes Ramalho apresenta-nos “a filha da outra Guiomar”, moradora de rua e ex-professora de História que vaga pela cidade revivendo seu ofício de narrar o passado do seu país. A colônia, a chegada das caravelas e dos judeus perseguidos pela Inquisição na Península Ibérica, todo um passado nacional é versado pela professora, dando a conhecer uma versão alternativa dos (des)caminhos feitos por brasileiras e brasileiros até chegarem à situação em que se encontram no século 21.

Este anúncio de reconstrução sociocultural de toda uma comunidade em sua dignidade e autonomia, em diálogo com narrativas de uma contra-história do passado nacional, surge como proposta de reconhecimento crítico da memória ancestral como ponto de partida para se reinventar o presente –

talvez, por isso mesmo, Lourdes tenha se dedicado às pesquisas de genealogia, publicadas em seu livro *Raízes Ibéricas, Mouras e Judaicas do Nordeste*, editado em 2002, tendo ficado um segundo volume, em fase avançada de preparação, com o título de *Judeus no Nordeste Brasileiro*, necessitando apenas de ajustes para ser publicado, o que ela não conseguiu fazer em vida.

Como boa parte da sua obra, este livro está inacessível hoje em dia, e é urgente que possamos torná-la, novamente, disponível nas estantes e nos palcos. Em seu centenário de nascimento, a obra de Lourdes Ramalho começa a ser republicada, com o apoio de seus herdeiros, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) – o que é nada além do que uma justiça necessária e o cumprimento de uma ética-cidadã que nos permite conhecer aquela obra, seus personagens e seus sonhos, para que possamos, afinal, nos reconhecermos.

Neste ir e vir, só podemos nos ufanar de termos sido presenteados com uma autora que escreve-pensa teatro orientada para a reinvenção do mundo, pensado e constituído mediante não o desigual, mas o diferente; não o conformismo, mas o que está em movimento e, portanto, em mudança; não pelo que supostamente é natural, mas pelo que é passível de negociação e, portanto, de transformação. Lourdes Ramalho escreve-pensa teatro propondo um mundo enquanto lugar do jogo de sonhos, sem perder o contato com a vida – a “vida real”, como ela costumava se referir, brincalhona, a indagar as pessoas sobre suas ocupações profissionais, muitas vezes traduzidas em um afastamento do sonho –, em que as relações se refazem num espaço de conflito, mas também de troca.

Que sejam mais 100, Dona Lourdes! ✦

Valéria Andrade e Diógenes Maciel são professores e pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Estadual da Paraíba. São autores do livro ‘Chã dos Esquecidos’, lançado em agosto de 2020, por ocasião do centenário de Lourdes Ramalho. Moram em Campina Grande.